

**DOCUMENTOS MANUSCRITOS BAIANOS
DOS SÉCULOS XVIII AO XX:
HISTÓRIA E FONTE DE PESQUISA**

Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz (UEFS)
rcrqueiroz@uol.com.br

O documento manuscrito é considerado a mola-mestra da História. É indiscutível que ele proporciona recursos inestimáveis [...], representando o melhor testemunho do passado, fonte direta de informação básica [...]. (ACIOLI, 2003, p. 1)

1. Introdução

Na Bahia, os arquivos públicos são detentores de uma documentação manuscrita que representa a memória nacional. Neste sentido, os documentos sob sua guarda são de valor inestimável para o resgate da nossa história, tanto social, quanto cultural e linguística. No entanto, muitos desses documentos encontram-se na iminência de desaparecer, caso não sejam adotadas medidas urgentes que visem amenizar a destruição desse importante patrimônio. No que tange à atividade filológica, cujo primórdio data do século III a.C., tem-se como principal meio para a preservação e a conservação da imensa massa documental baiana a realização de edições, a fim de que seja ao menos evitado o manuseio e resgatada a informação. Sendo assim, com vistas a retirar do ostracismo esse patrimônio, buscou-se em arquivos públicos de cidades do estado da Bahia como Cachoeira, Feira de Santana e Santo Amaro documentos que fossem representativos de um período e que pudessem ser editados, ou seja, aqueles que ainda podem ser manuseados, porque se encontrou a documentação, em muitas situações, em estados de avançada deterioração.

Como professora da disciplina Filologia e tendo feito mestrado e doutorado nessa área, busquei desenvolver projetos de pesquisa cujo objetivo fosse, além da edição do texto em si, também o resgate material do documento, ou seja, fazer com que o documento fosse preservado do manuseio indevido repetidamente, pois cada vez que é manipulado seu desgaste cresce consideravelmente.

Sendo assim, pretende-se com este trabalho dar a conhecer a situação dos documentos manuscritos baianos e apresentar o trabalho filoló-

gico desenvolvido no âmbito da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, localizada no estado da Bahia.

2. *As edições*

Dois projetos são desenvolvidos na Universidade Estadual de Feira de Santana que tratam da edição de documentos baianos, a saber: 1. “Documentação de Feira de Santana: um trabalho linguístico-filológico”, do qual se conta com as seguintes publicações em livro: *A Escrita Autobiográfica de Doutor Remédios Monteiro: edição de suas memórias*, de 2006; e *Documentos do Acervo de Monsenhor Galvão: edição semidiplomática*, de 2007; e 2. “Estudo histórico-filológico e artístico de documentos manuscritos baianos dos séculos XVIII ao XX”, cujo resultado em livro conta com a seguinte publicação: *Documentos Manuscritos Baianos dos Séculos XVIII ao XX: Livro de notas de escrituras*, de 2007.

A seguir são apresentados alguns fragmentos das edições realizadas. O tipo de edição adotado é aquele cuja intervenção do editor é mínima, havendo apenas o desdobramento das abreviaturas e a união de palavras separadas e a separação de palavras unidas. Neste caso, trata-se da edição semidiplomática, para a qual, além da intervenção mencionada, tomaram-se os seguintes critérios:

- *Para a descrição:*
 - a) Número de colunas
 - b) Número de linhas da mancha escrita
 - c) Existência de ornamentos
 - d) Maiúsculas mais interessantes
 - e) Existência de sinais especiais
 - f) Número de abreviaturas
 - g) Tipo de escrita
 - h) Tipo de papel
 - i) Data do manuscrito

- *Para a transcrição:*
 - a) Respeito fiel ao texto: grafia (letras e algarismos), linha, fôlio etc.;
 - b) Indicação do número do fôlio, à margem direita;
 - c) Numeração do texto linha por linha, constando o número de cinco em cinco, desde a primeira linha do fôlio;
 - d) Separação das palavras unidas e união das separadas;
 - e) Desdobramento das abreviaturas, apresentando-as em itálico e negrito;
 - f) Utilização de colchetes para as interpolações;
 - g) Indicação das rasuras ilegíveis com o auxílio de colchetes e reticências.

2.1. O Diário de Doutor Remédios Monteiro⁸⁹

2.1.1. Descrição

O *Diário de Doutor Remédios Monteiro* foi escrito no seguinte suporte: Caderno pautado tipo escolar, em bom estado de conservação, medindo 220mm X 170mm, com 67 (sessenta e sete) folhas, 55 escritas só no recto; 2, só no verso e 10, recto e verso. Algumas folhas apresentam numeração. Com exceção da última folha, todas as demais, no recto, trazem a marca do carimbo de Arlindo da Silva Pitombo, que também as assina.

Dr. Remédios Monteiro escreveu o *Diário*, relatando suas memórias, com o objetivo de deixá-lo para sua única filha, D. Elvira Monteiro, o que pode ser comprovado na seguinte passagem: “[...] É o padrinho de baptismo de minha filha. Como escrevo / estas recordações para minha filha, / desejo que ella ame, estime e res/peite o bom parente que me soc/correu com a sua bolsa, me gui/ou com seus conselhos e comple/tou minha educação scientifica.” (f. 14r, l. 22 e 23 ; f. 15r, l. 1-6). No entanto, sua filha escreve, no próprio caderno em que figuram as Memórias, o seguinte texto: “Cortei estas folhas porque achei que meu pai não devia ter escripto e só serviram para perturbar e ser a causa destas infelicidades.” (f. 1v, l. 1-6).

⁸⁹ Documento do Acervo de Monsenhor Galvão, integrante da Biblioteca Setorial Monsenhor Galvão, localizada no Museu Casa do Sertão, órgão da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS.

Não há indicação do período em que começou a escrever o texto, pois não consta nenhuma data.

Folhas coladas: 129 e 130a; folhas rasgadas: 171 e 174; colado recorte de jornal sobre o sexagésimo aniversário do Dr. Remédios Monteiro: folhas 167 e 168.

O Diário de Doutor Remédios Monteiro encontra-se no acervo da Biblioteca Setorial Monsenhor Galvão, sediada no Museu Casa do Sertão, órgão da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Este documento é uma fonte rica de informações da segunda metade do século XIX, oferecendo diversas possibilidades de estudo em várias áreas, sejam elas a História, a Filologia, a Literatura, a Medicina, etc.

2.1.2. A edição da folha 6r do caderno

f.6r

- a civilização exterior (1)⁹⁰
- 5 Estudei primeiras letras, la=
tim, francez e arithemetic no col=
legio do padre mestre José de Santiago
Mendonça, que havia sido monge
benedictino. Esse collegio, um dos
melhores do tempo e talvez superior
10 a alguns da actualidade, era no
bairro da Saude, perto da minha
residencia na rua do Livramento.
Desse collegio passei sempre como externo para o de *doutor* Adol=
pho Manoel Victorio da Costa a
fim de estudar os preparativos que me
15 faltavam para matricular-me
na Escola de Medicina. Ainda
alcancei o collegio Victorio na rua do
Conde, hoje rua do Visconde do Rio –
Branco, antes de mudar-se para a
20 rua dos Latoeiros, hoje de Gonçalves
Dias.
Deslisou-se minha infancia entre os afa=
gos e caricias de meu pae e de minha
mãe sempre bons, affectuosos, intelligentes,
25
- (1) Traduzida para o portuguez por uma anonyma;
em 12 – , Lisboa 1853.

⁹⁰ Toda a linha riscada.

2.2. A edição de um auto de defloramento⁹¹

2.2.1. Descrição

Trata-se de um documento jurídico, lavrado entre os anos de 1903 a 1915, pertencente ao Arquivo Público Municipal de Santo Amaro – Bahia – Brasil, assim descrito: série: Defloramento, seção: Judiciária, escrito em papel almaço – com as seguintes dimensões: 222 mm X 324 mm, com tinta preta e azul, em sessenta fôlios. O texto do documento apresenta grafias distintas, comprovando que foi escrito por escrivães diferentes.

A vítima de defloramento é uma menor de catorze anos, de nome Maria Juliana, filha de Maria Maximiana. O delito ocorreu entre 7 e 8 horas da noite, quando a vítima retornava da igreja para sua casa. O acusado de ter cometido o defloramento é identificado como Bento da Rocha Doria, pessoa conhecida da vítima e que já vinha fazendo todo tipo de promessa a fim de seduzir Maria Juliana.

2.2.2. Edição do fôlio 2^r

f. 2

Número 142 Escrivam Alcebiades
Santo Amaro 16 de junho 1903

A

- 5 Senhor Doutor Juiz de Direito Supplente
5 D. A. sejam intimadas as testemunhas para o dia que
Designar virem depor neste juízo sobre o facto,
Adjunto do Promotor. .Santo Amaro 15 de junho de 1903

B

- 10 O Adjunto do Promotor Publico desta Commar
ca pondo em pratica as atribuições que lhe
sao outhorgadas por lei, vem denunciar a
Bento da Rocha Dorea, pelo seguinte facto

- 15 Maria Maximiana, mulher do povo
vivendo do produtco parco de grosseiros tra-
balhos, tinha em sua companhia uma filha
menor de nome Maria Juliana, de quem cui
dava com zelo de mãe extremoza, tanto ma
is, quanto presentia della se aproximar
20 iminente perigo na pessôa do denunciado

⁹¹ Documento constante do acervo do Arquivo Público Municipal de Santo Amaro.

que por todos os meios procurava seduzir
sua referida filha com fascinantes e enga-
nosas promessas.

25 Infelizmente não poderam os cuidados preser-
val-a da pessoa desse ladrão da honra, que
em dias do mez de Maio próximo findo, quan-
do a infeliz Maria voltava da Igreja do Rosario
das 7 para as 8 horas da noite, em procura de

30 casa, inopinadamente surgiu o denuncia-
do que a conduziu para uns matos proximos,
onde a deflorou, abandonando-a em
seguida.

E é corrente que o denunciado, affeito á
pratica do crime pelo qual o denuncia-
35 a mais de uma infeliz tem atirado ao
lodaçal da prostituição [...]

2.3. Certidão de nascimento⁹²

2.3.1. *Descrição da certidão de nascimento de Maria Eusebia de Jesus*

Documento com a seguinte datação: Serrinha, 24/12/1924. Em papel almaço pautado, amarelado pelo tempo, com as seguintes dimensões: 218mm X 330mm. Furos causados pela ação de insetos e fungos. Bordas superior e inferior levemente rasgadas. Marcas de dobras nos sentidos vertical e horizontal. Selo do Tesouro Nacional no valor de 600 reis, encontrando-se na margem inferior do fôlio 1v. Escrito em tinta preta, em um fôlio, recto – com 34 linhas e verso – com 30 linhas. Mancha escrita medindo: f. 1r – 282mm X 180mm; f. 1v – 267mm. Cota no acervo: M-Cer-12.

⁹² Documento do Acervo de Monsenhor Galvão, integrante da Biblioteca Setorial Monsenhor Galvão, localizada no Museu Casa do Sertão, órgão da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS.

2.3.2. *Edição da certidão de nascimento de Maria Eusebia de Jesus*

f. 1r

5 Certidão passada a
Pedido verbal do cidadão
José Gregorio da Luz do
registro de nascimento
de sua filha, Maria
Eusebia de Jesus, tudo
Como abaixo segue

10 Certifico eu escrivão abaixo assignado que reven
do em meu poder e cartorio os livros de registros
de nascimento d'elles as folhas 4 verços. Numero
250, consta o assentamento do seguinte theor.
Aos vinte e trez dias do mez de Dezembro de
15 mil novicentos e vinte quatro, neste districto de
paz, Municipio de Serrinha, comarca do mes-
mo nome Estado da Bahia compareceu em
meu cartorio o cidadão, José Gregorio da Luz,
residente na Fazenda Pedro Branco, Districto
de Riachão de Jacoype, o qual perante as teste-
20 munhas abaixo assignadas, e declaradas apre-
sentou-me a petição do seguinte theor. *Excelentissimo*
Senhor Doutor Juiz de Direito desta Comarca Diz
José Gregorio da Luz, pai de Maria Eusebia
de Jesus, que não tendo sido registrado o nascimen-
25 to de sua dita filha, e como deseja a bem do seu
interesse fazel-o vem de accordo com a nova Lei
Federal que rege ao espere 'pedir a *Vossa Excelencia* se digne
ordenar o competente registro para o que expõe o
30 seguinte A registrada nasceu no Districto de
Purificação no dia 15 de Dezembro de 1905
foi baptizada n'esta Freguesia sendo seus paes
legitimos José Gregorio da Luz e Maria
Antonia de Jesus, ambos residentes na fãsen=
da Pedro Branco, districto de Riachão de Jacoype

5 e são seus avós paternos Antonio Gregorio da Luz
 Maria Marcolina de Jesus, ambos falecidos,
 e maternos Antonio Martins de Araújo, ja
 falecido, e Maria Porcina de Jesus, e são seus
 padrinhos Tobias Pinto dos Santos e Maria
 Lina de Jesus, ambos residentes no districto de
 Riachão de Jacoype, e são testemunhas do que
 vem de allegar os Senhores Manoel Geral=
 do de Oliveira e José Pereira Leal ambos resi=
 dentes e negociantes nesta cidade, assim pois espero
 10 receber Deferimento, estava inutilizado em uma
 folha de papel um sello de tresentos e trinta
 reis que datava Serrinha, 23 de Dezembro de 1924
 Assignado João Alves de Oliveira, a rogo de
 15 José Gregorio da Luz, por não saber lêr e nem
 escrever. Affirmamos serem verdadeiras as de=
 clarações para o registro de Maria Eusebia de
 Jesus. Manoel Geraldo de Olveira Filho, José
 Pereira Leal. Despacho sim Serrinha, 23 de
 20 Dezembro de 1924. Assignado H Coelho. Pagou
 de sello por verba a quantia de cinco mil reis,
 conforme consta no livro de Receita do sello por
 verba, em folhas 4. Collectoria Federal de Serri=
 nha, em 23 de Dezembro de 1924. O Escrivão
 25 Pedro Augusto da Silva. Nada mais continha
 na dita petição a qual fielemente transcrip=
 ta ao que dou fê.
 Serrinha 24/12/1924
 O Escrivão
 30 João Alves de Oliveira

2.4. Edição de uma carta de liberdade⁹³

2.4.1. Edição da carta em favor de Cândida

f. 62r

1

Carta de liberdade passada a favor de Candi=
 da parda, como a diante vai declarado.

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus –

⁹³ Documento constante do Livro de Notas de Escrituras, o qual está sob a guarda do Arquivo Público Municipal de Feira de Santana, composto por 194 fólhos (recto e verso), cuja datação está entre os anos de 1881 a 1888.

1 Christo de mil oitocentos e oitenta e um, aos
vinte e dous dias do mêz de Novembro do dito anno
nesta Freguesia de Nossa Senhora dos Remedios
termo da cidade da Feira de Sant' Anna, em o=
5 meo cartorio, compareceo, Candida Victoria
moradora na Freguesia de São Gonsalo dos Cam=
pos da cidade da Cachoeira, e por ella=
me foi intregue e pedido que lançasse
em notas sua Carta de liberdade, a qual
10 e do theor seguinte. Carta de liberda
de passada em favor de Candida, parda.

O Doutor Guintino Ferreira da Silva, Juis de
Orfãos da Heroica Cidade da Cachoeira, etice=
15 tra. Pela presente por mim assignada por
assim me haverem requerido, digo, dou li=
berdade a pardinha Candida, por assim me=
haverem requerido, os herdeiros do casal do=
fallecido Antonio Rib[e]jro de Oliveira, pelos
20 bons serviços prestados a este, por aquela es=
crava: em consequencia do que, lhe man=
dei passar a pre[z]ente, por assim me perme=
tir a lei aos desaceis de Agosto, de mil oito
centos e oitenta e um. Eu Antonio Fran=
25 cisco do Nascimento Vianna Escrivão dos=
Orfãos o escrevi. Guintino Ferreira da Sil=
va. E nada mais se comtinha, nem uma
outra cousa se declarava em a dita Carta
de liberdade, a qual vai por mim Escri=
30 vão, transcripta e assignada. Eu José Caribé
de Cerquera Escrivão de Paz, transcrevi e as=
signej.

José Caribé de Cerquera.

3. *Estado físico dos documentos*

Os documentos manuscritos baianos, bem como muitos outros documentos brasileiros, estão em estado de conservação precário. São poucos os arquivos que contam com uma infraestrutura adequada para o acondicionamento, tratamento e disponibilidade de acesso à massa documental. Assim corrobora Acioli (2003, p. 2)

Todos que lidam com documentos manuscritos no Brasil, sabem que o quadro é desolador na maioria dos estados. É necessário que sejam conscienciosos os poderes públicos responsáveis, como o Judiciário, o Ministério da Fazenda, a Igreja, etc., para desenvolverem, a curto prazo, uma política de conservação e restauração dos documentos que ainda restam.

Neste sentido, visando disponibilizar a informação que os documentos manuscritos baianos trazem em si e que podem ser úteis para diversas áreas do saber, tais como Direito, Genealogia, História, Linguística, Geografia é que se vem desenvolvendo os projetos mencionados anteriormente, a fim de preservar o original e evitar o manuseio, que na maioria dos casos é indevido, pois aqueles que trabalham nas instituições-memória, como os arquivos e bibliotecas públicos, não estão preparados para o pleno exercício de salvaguarda do patrimônio documental, permitindo muitas vezes que pesquisadores descuidados danifiquem ainda mais os documentos. Nessa direção Báez (2006, p. 312) afirma:

Vários fatores podem acelerar a destruição do papel. Um ambiente inadequado, por exemplo, é prejudicial, e também a umidade, a péssima ventilação, a atmosfera seca, a alta temperatura, a contaminação ou o excesso de luz. A luz, em qualquer de seus comprimentos de onda – visível, infravermelha ou ultravioleta (UVA) –, contribui para a decomposição química de todo material orgânico por oxidação. Se o leitor deixar um livro ao lado de uma janela pela qual entra muita luz, observará que as páginas se descolorem com os dias e adquirem um aspecto amarelado, sintoma evidente do que foi dito. A radiação UVA, cada dia mais frequente, ocasiona essa aparência quebradiça dos papéis compostos de celulose

Tudo isso pode ser visto nos arquivos brasileiros, cujos edifícios onde funcionam não foram projetados para a devida acomodação da massa documental, mesmo naqueles construídos para esse fim, com raras exceções, é claro.

4. Considerações finais

Tomando-se as edições já realizadas e aquelas que estão sendo feitas, diversos estudos podem ser seguidos. Alguns já foram concluídos pelo grupo de pesquisa e outros estão em fase de conclusão, ainda outros por serem iniciados, seja por bolsistas de iniciação científica, estudantes de mestrado, e por professores. Tais estudos se encerram nas seguintes abordagens: com os autos de defloramento – sobre o discurso; sobre as relações de gênero; sobre o vocabulário da sexualidade; com todos os documentos: sobre as variações grafemáticas. As abordagens dependem do tipo de documento que se editou. Com autos de partilha procede-se à análise do vocabulário, que pode ser sobre os campos semânticos mais pertinentes encontrados no texto, como: dos objetos pessoais, dos utensílios, dos animais, dos bens móveis e imóveis. Com os inventários também se pode seguir nessa direção, além do estudo da onomástica.

Assim, fica aqui o convite para o leitor viajar pelo mundo das letras de outros tempos e lugares e conhecer um pouco mais sobre a nossa história, seja esta linguística, social ou cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACIOLI, Vera Lúcia Costa. *A escrita no Brasil Colônia: um guia para leitura de documentos manuscritos*. 2. ed. Recife: UFPE / Fundação Joaquim Nabuco / Editora Massangana, 2003.

BÁEZ, Fernando. *História universal da destruição dos livros: das tábuas sumérias à guerra do Iraque*. Tradução Léo Schlafman. 1. reimp. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

INVENTÁRIO ANALÍTICO DA DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA DO ACERVO DO MONSENHOR RENATO DE ANDRADE GALVÃO. Feira de Santana: UEFS/ Centro de Pesquisa e Documentação de Feira de Santana, 1998.

MEGALE, Heitor; TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida (Orgs.). *Por minha letra e sinal: documentos do ouro do século XVII*. Cotia: Ateliê Editorial / Fapesp, 2006.

MELLO, José Antônio Gonsalves de; ALBUQUERQUE, Cleonir Xavier de. *Cartas de Duarte Coelho a El Rei*. Reprodução fac-similar, leitura paleográfica e versão moderna anotada. 2. ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 1997.

MELLO, José Antonio Gonsalves de. *Testamento do general Francisco Barreto de Menezes*. Edição fac-similar com comentários e notas. Recife: Parque Histórico dos Guararapes/IPHAN/MEC, 1976.

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Documentos do acervo de monsenhor Galvão*: edição semidiplomática. Feira de Santana: UEFS, 2007.

_____. *Manuscritos baianos dos séculos XVIII ao XX*: Livro de notas de escrituras – vol. 1. Salvador: Quarteto; Feira de Santana: UEFS, 2007.

_____. *A escrita autobiográfica de Doutor Remédios Monteiro*: edição de suas memórias. Salvador: Quarteto, 2006.

_____. Para que editar? A filologia a serviço da preservação da memória baiana. In: TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis; QUEIROZ, Rita de

Cássia Ribeiro de; SANTOS, Rosa Borges dos (Orgs.). *Diferentes perspectivas dos estudos filológicos*. Salvador: Quarteto, 2006, p. 141-157.

SAMARA, Eni de Mesquita; DIAS, Madalena Marques; BIVAR, Vanessa dos Santos Bodstein. *Paleografia e fontes do período colonial brasileiro*. São Paulo: Humanitas, 1986.

XIMENES, Expedito Eloísio. *Autos de querrela e denúncia...*: edição de documentos judiciais do século XIX no Ceará para estudos filológicos. Fortaleza: LCR, 2006.